

1 Introdução

No presente estudo, focaliza-se a delimitação da categoria *adjetivo* por crianças em torno de seu segundo ano de vida adquirindo o Português Brasileiro (PB) como língua materna. Investiga-se, ainda, se traços semânticos de afixos derivacionais formadores de adjetivos denominais são representados por crianças na faixa etária de 2-3 anos e 4-5 anos, de modo a permitir que elas os interpretem na interface semântica, à semelhança do que fazem os falantes adultos da língua.

Do ponto de vista da aquisição, adjetivos representam um desafio para a criança: não necessariamente se fazem presentes como núcleo lexical nas línguas; admitem diferentes posições no enunciado em função da estrutura sintática em que se inserem – como adjuntos em DPs¹, como predicativos em estruturas de *Small Clauses*; sua interpretação é dependente do processamento da relação sintática estabelecida com o nome² e da representação conceptual de atributos. Têm emergência tardia na fala, embora seu processamento pareça transcorrer já ao fim do primeiro ano de vida (cf. Waxman, 1999; 2006). Uma das tarefas que se apresentam ao aprendiz da língua, então, é a de descobrir, em primeiro lugar, se há uma forma gramatical correspondente a *adjetivos* representada em sua língua materna; em segundo lugar, qual é o valor do parâmetro de ordem pertinente à relação que essa categoria lexical estabelece com outros elementos da sentença, como o *nome*, por exemplo.

De maneira geral, estudos em aquisição da linguagem vinculados à teoria lingüística têm sido conduzidos de modo independente daqueles voltados para os procedimentos de aquisição. No primeiro caso, a formulação do problema da aquisição da linguagem não abarca *o modo como* a criança identifica as propriedades da língua presentes no fluxo da fala à sua volta; no segundo, nota-se, em muitos casos, a ausência de um modelo teórico de língua que explicita o que

¹ O sintagma nominal é concebido, de acordo com as versões mais recentes da teoria lingüística, como que “encaixado” em uma estrutura complexa, o DP, à luz de Abney (1987). A categoria D(eterminante) é entendida como uma categoria funcional do léxico, constituída de um conjunto de traços predominantemente formais (cf. Chomsky, 1999).

² *Nome* (N) será empregado como sinônimo de *substantivo*, diferentemente do uso nos compêndios de gramática tradicional, em que esse termo engloba a noção de substantivo e adjetivo.

deve ser adquirido pela criança e o que pode ser atribuído ao estado inicial do processo de aquisição da linguagem.

Diante disso, e em consonância com a linha de pesquisa em Processamento e Aquisição da Linguagem do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) da PUC-Rio, a perspectiva teórica assumida neste trabalho é a de se considerar, de forma integrada, uma teoria lingüística que contemple o problema da aquisição da linguagem – particularmente a teoria de Princípios e Parâmetros, nos termos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995; 1999 e obras posteriores) – e abordagens psicolinguísticas que considerem, como meios de desencadear a aquisição de uma língua: (i) o tratamento do sinal acústico da fala (*bootstrapping* fonológico: Morgan & Demuth, 1996; Christophe *et al.*, 1997); (ii) a análise do material lingüístico pela criança na aquisição de significado lexical (*bootstrapping* sintático: Gleitman, 1990).

Mais especificamente, no caso da aquisição de adjetivos em línguas como o PB, pela hipótese do *bootstrapping* fonológico, pressupõe-se que a criança seja sensível às propriedades fônicas de elementos de classes fechadas, como determinantes e afixos. A representação da Categoria funcional D, nos termos da teoria lingüística (ainda que subespecificada), é tida como necessária para que a criança venha a identificar o nome enquanto categoria lexical (cf. Name & Corrêa, 2002) e, a partir deste, o adjetivo (*adiacentis*, i.e., que se junta ao nome).

Pela hipótese do *bootstrapping* sintático, considera-se que a criança, por meio da análise sintática que já é apta a conduzir, seja capaz de perceber que o traço categorial³ que define adjetivos diz respeito à atribuição de propriedades a entidades e eventos, dado o pressuposto de que enunciados lingüísticos se referem a estes. Considera-se, ainda, que informação fônica e conceptual proveniente de sufixos derivacionais semanticamente não-vazios, como *-oso/-ento*, é captada pela

³ A proposta minimalista concebe os itens do léxico como que constituídos de matrizes de traços: fonológicos, semânticos e sintáticos (ou formais). Dentre os *traços formais*, distinguem-se os traços categoriais N e V. A distinção formal entre *nome* e *adjetivo* resulta da combinação [+N, -V], [+N, +V], no que pode ser assumido como traços categoriais, quando do mapeamento de enunciados lingüísticos a objetos/entidades e a propriedades, respectivamente. (Chomsky, 1995)

criança, permitindo a ela delimitar determinado elemento como *adjetivo*, quando do processamento de enunciados lingüísticos.

Conforme se mencionou inicialmente, consideram-se duas maneiras diferentes por meio das quais os adjetivos podem relacionar-se sintaticamente com o nome: (1) como adjuntos, quando se ligam diretamente a um NP (assumindo o DP - “*Alice é uma menina linda*” e “*Alice é uma linda menina*”); (2) como predicativos, nos casos em que a relação nome/adjetivo se realiza por meio de um verbo cópula (“*Alice é linda*”). Nos exemplos em (1), a ordenação característica do português Det + Nom + Adj (ordem canônica) é tomada como referência para a anteposição do adjetivo em relação ao nome, em construções marcadas em função de condições específicas do discurso.

Mesmo havendo uma ordem preferencial para a posição do adjetivo em relação ao nome em português, esse padrão posicional não é suficientemente consistente ou invariante para permitir a distinção entre essas categorias lexicais: a alternância de posição entre adjetivos e nomes não implica necessariamente distintos mapeamentos conceituais. Há mudança de sentido, por exemplo, entre “um jogador grande” e “um grande jogador”, mas não entre “uma linda menina” e “uma menina linda”⁴. Destaque-se que esse fenômeno não é comum em outras línguas (p.ex., inglês, mandarim, árabe, etc.), nas quais o adjetivo não apresenta ou apresenta pouca mobilidade na estrutura (cf. Comrie, 1989). Além disso, pode haver, e não só no português, uma certa mobilidade de elementos entre tais categorias, a partir da identificação usual de entidades por alguma propriedade, num processo metonímico (como em “os pobres” para designar “as pessoas pobres”). Assim sendo, há um grupo considerável de itens que podem ser identificados como nomes ou adjetivos em função de sua posição estrutural, como ocorre com a palavra “*velho*” em “um *velho esperto*” (nome), ou “um *velho amigo*” (adjetivo) (ver subseção 3.3 para discussão mais detalhada).

⁴ Não serão tratados, nesta tese, casos em que a alteração na ordem canônica nome/adjetivo implica mudança quanto ao significado atribuído ao nome pelo adjetivo. Evidências experimentais de estudos sobre aquisição sugerem que, embora estejam intimamente ligados, *forma* e *sentido* são identificados em momentos distintos durante o processo de aquisição da linguagem (Cristophe *et al.*, 1997).

Há, ainda, freqüentemente, uma sobreposição de marcas fônicas na terminação desses elementos em português, decorrente, na maioria das vezes, do estabelecimento da concordância de gênero e de número do adjetivo com o nome, podendo tornar suas formas opacas quanto à categoria: “velho esperto”, “velhos amigos”; “velha esperta”, “velhas amigas”; “pente resistente, pentes resistentes.

No entanto, ainda que pistas posicionais e fônicas aparentemente não sejam claras, a identificação de elementos dessas categorias no *input* por crianças adquirindo o português não parece ser um problema. Considerando que a natureza do mapeamento conceptual de adjetivos a propriedades possa ser de caráter menos evidente do que no caso dos nomes (entidades) e verbos (eventos), e que a variabilidade de posições sintáticas assumidas pelo adjetivo também possa dificultar esse mapeamento, esta pesquisa incorpora a questão morfológica dos adjetivos denominais. Este ponto se mostra relevante na medida em que o conhecimento semântico atrelado à nomeação e à presença de sufixos derivacionais (no caso, formadores de adjetivo) parecem ser fontes importantes de informação para a criança durante o processo de identificação categorial de novas palavras.

A **hipótese** de trabalho que orienta esta pesquisa é a de que a criança faz uso de informação sintática e morfológica na delimitação de adjetivos como categoria lexical em aquisição no PB. Considera-se que a representação da Categoria funcional D é fundamental na distinção entre nomes e adjetivos e que sufixos derivacionais contribuem para a representação do traço categorial desses últimos no léxico.

Em vista das considerações apresentadas, esta tese tem como **objetivo geral** contribuir para o desenvolvimento de uma teoria da aquisição da linguagem que explicita o modo como a criança chega à sintaxe da língua, fazendo uso de informação proveniente das interfaces fônica e semântica na delimitação de categorias gramaticais. Nessa proposta, investiga-se o papel de elementos de classe fechada e padrões de ordem, captados na interface fonética a partir de um

procedimento de *parsing*⁵ de enunciados lingüísticos. Investiga-se em que medida a análise de adjetivos no contexto sintático de DPs ou de *small clauses* possibilita a representação do adjetivo como categoria que apresenta uma propriedade ou atributo de um referente, dado o pressuposto de que enunciados lingüísticos são semanticamente interpretáveis, e permitem fazer referência a entidades e eventos. Esta tese se desenvolve, ainda, com vistas a explorar, adicionalmente, como os traços de afixos derivacionais seriam semanticamente interpretados no curso do desenvolvimento lingüístico.

Em termos mais **específicos**, os objetivos da tese são os seguintes:

- ✓ verificar se crianças em torno do segundo ano de vida adquirindo o PB tomam as propriedades distribucionais do determinante como informativas para o estabelecimento do valor do padrão de ordem, identificando o adjetivo a partir de sua relação com o nome;
- ✓ verificar se essas crianças se baseiam em informação de natureza distribucional e morfofonológica de sufixos derivacionais na identificação de adjetivos como categoria lexical no PB;
- ✓ verificar em que medida essas crianças levam em conta a ordem canônica do adjetivo no DP diante de informação morfofonológica proveniente de sufixos derivacionais formadores de adjetivos denominais como pistas para a identificação da categoria *adjetivo*;
- ✓ verificar como falantes adultos do PB interpretam os traços semânticos dos afixos derivacionais *-oso* e *-ento*, formadores de adjetivos denominais;

⁵ Em Psicolingüística, *parsing* é uma operação não-consciente, realizada por qualquer indivíduo de qualquer sociedade ao lidar com sua língua natural, e não requer treinamento especial. Dadas as limitações da capacidade de processamento, realiza-se sob a forma de “pacotes” de construções lingüísticas, a fim de viabilizar o processamento de informação veiculada sob a forma falada ou escrita, resultando em representações mentais da estrutura sintática associada a esses “pacotes” de informação. (cf. DOWTY, KARTTUNEM & ZWICKY, 1985: 9).

✓ verificar se crianças interpretam semanticamente os afixos derivacionais *-oso* e *-ento*, formadores de adjetivos denominais, tal qual os falantes adultos do PB o fazem.

Recapitulando, tem-se que a delimitação de categorias lexicais constitui um problema no processo de aquisição da língua, cuja resolução parece depender da identificação de elementos de natureza funcional. Além disso, a compreensão de enunciados lingüísticos parece depender da capacidade, por parte do aprendiz da língua, de relacionar elementos mantidos numa janela de processamento⁶ (Santelmann & Jusczyk, 1998). Conforme Corrêa (2006), a solução para o problema de se explicar como a criança é inserida na sintaxe de sua língua requer atribuir a ela a capacidade de tomar o produto do processamento do sinal da fala como interface fônica para a sintaxe da língua, vinculando a esta uma interface de natureza semântica/intencional.

Cumprir notar que os estudos sobre aquisição de adjetivos em português são ainda incipientes. Evidências experimentais de uma pesquisa inicial realizada por Name (2005) e, na seqüência, por Almeida (2007) com crianças brasileiras em torno dos três anos de idade apontam para o uso de informação referente à ordem estrutural de constituintes como forma de identificação de nomes e adjetivos desconhecidos. Ressalte-se que os pseudo-adjetivos apresentados nessas atividades experimentais não apresentavam sufixos marcadores da categoria A, como *-oso/a*, *-ento/a*, os quais parecem facilitar a identificação de itens dessa classe, conforme resultados dos experimentos conduzidos nesta pesquisa (cf. capítulo 5). Além disso, nos estudos realizados até o momento sobre aquisição de adjetivos, a questão de como a criança interpreta semanticamente um sufixo formador de adjetivo não se coloca.

⁶ Entende-se por *janela de processamento* o espaço definido em função de limitações de memória. Representações de natureza acústica ou configuracional (como é o caso do parsing) são mantidas num componente de curto prazo, ao passo que representações de natureza semântica são mantidas por maior período de tempo. A memória de curto prazo é fundamental na captação e retenção de representações do estímulo lingüístico no início do processamento; já a memória de longo prazo se ocupa da integração de informação e da aprendizagem. Para um estudo a esse respeito, ver Sternberg (2000).

Isso posto, questões relativas à ordenação linear de constituintes e morfemas e à identificação no *input* de elementos funcionais⁷ e afixos (como já se mencionou, os sufixos derivacionais formadores de adjetivos) são exploradas neste estudo, enquanto informação que a criança leva em conta na aquisição de adjetivos. No que concerne aos sufixos derivacionais, verifica-se seu papel na atribuição do traço categorial ao adjetivo, assim como o modo pelo qual crianças os interpretam.

1.1 Organização do trabalho

A tese está organizada da seguinte forma: no capítulo 2, apresentam-se os pressupostos teóricos que orientam esta pesquisa, com destaque para a concepção de língua apresentada no Programa Minimalista e as hipóteses do *bootstrapping* fonológico e *bootstrapping* sintático, caracterizando-se, em cada abordagem, o tipo de informação que poderia desencadear o processo de aquisição de adjetivos. Descreve-se, em linhas gerais, a arquitetura do sistema lingüístico nesse modelo tendo em vista a perspectiva teórica assumida neste trabalho.

O capítulo 3 traz uma ampla revisão da literatura a respeito do adjetivo do ponto de vista lingüístico. É revisto o tratamento dado a essa categoria lexical na tradição gramatical e na lingüística formal, ressaltando-se a realização do adjetivo nas diferentes línguas como elemento que apresenta uma morfologia variável.

No capítulo 4, traça-se um panorama acerca de estudos psicolingüísticos que têm sido conduzidos sobre a delimitação de nomes e adjetivos na aquisição da linguagem. Toma-se como referência o grande número de pesquisas realizadas

⁷ Do ponto de vista da teoria lingüística, os elementos do léxico distinguem-se em duas grandes categorias: lexicais e funcionais. Das categorias lexicais fazem parte elementos das denominadas “classes abertas” (como Nomes, Adjetivos, Verbos); já as categorias funcionais caracterizam-se como sendo classes fechadas, de que fazem parte Determinantes, Tempo (verbal), Complementizador – DP, IP, CP – importantes para referência a entidades, situação do evento e força ilocucionária, respectivamente. Para mais informações a respeito dessa distinção, ver Chomsky (1995).

com crianças adquirindo o inglês e algumas em português, em que se investigam questões relativas ao papel da nomeação, bem como dos afixos flexionais e derivacionais, enquanto informação que a criança leva em conta na distinção entre nome e adjetivo.

No capítulo 5, reportam-se os resultados de dois experimentos, conduzidos com crianças de 12-22 meses, usando-se o paradigma da seleção de objetos com pseudopalavras. No Experimento 1, avalia-se o papel de determinantes e sufixos derivacionais formadores de adjetivos denominais na delimitação desta categoria lexical em estruturas predicativas, independentemente das propriedades semânticas desses afixos. No Experimento 2, investiga-se o papel da ordem canônica aliada ao do sufixo derivacional como desencadeadores do processo de delimitação de nomes e adjetivos no âmbito do DP.

No capítulo 6, relatam-se outros dois experimentos: um conduzido com adultos falantes do PB, e outro, com crianças de 2-3 anos e 4-5 anos. No Experimento 3, explora-se o conhecimento por parte de falantes adultos do PB acerca dos traços semânticos dos sufixos derivacionais *-oso* e *-ento*, formadores de adjetivos. Foi concebida uma tarefa de atribuição de propriedades a objetos e pessoas a serem imaginadas a partir de pseudo-adjetivos denominais, de modo a avaliar em que medida as propriedades semânticas atribuídas a afixos derivacionais formadores de adjetivos em análises lingüísticas correspondem ao conhecimento lingüístico intuitivo do falante da língua. No Experimento 4, verifica-se, por meio da técnica de seleção de objetos, se os traços semânticos desses sufixos são representados pela criança de modo a ser capaz de interpretá-los na interface semântica, à semelhança do que fazem os falantes adultos da língua.

No último capítulo, apresenta-se uma síntese da tese, em que se retomam a hipótese de trabalho, os objetivos propostos e os resultados obtidos, e são apontados desdobramentos futuros a partir da pesquisa realizada.